

Clube de Paris negocia dívida

Paris — O Clube de Paris Grupo informal de países credores que opera na maior discrição na capital francesa, cumpre um papel essencial na estratégia da dívida externa do Terceiro Mundo, de cerca de 1,3 bilhão de dólares, marcada por novas iniciativas em favor da redução do endividamento com os bancos privados.

Após as propostas da França e do Japão os Estados Unidos, certamente traumatizados pelos recentes incidentes na Venezuela, acabam de se unir, através do secretário de finanças Nicholas Brady, à idéia de um apoio multilateral para a redução da dívida dos países de renda intermediária, essencialmente os

latino-americanos para com os bancos privados.

— A crise da dívida desses países é o pior dos problemas financeiros enfrentados pelas nações independentes desde a Segunda Guerra Mundial. A evolução catastrófica pode ser evitada graças aos esforços de todos: Credores e devedores, instituições financeiras internacionais e bancos comerciais, sem prejudicar o sistema financeiro mundial — avalia Jean Claude Trichet, diretor do tesouro francês e presidente do Clube de Paris.

Triches e Denis Samuel Lajeunesse, co-presidente do Clube, sublinha a “flexibilidade demonstrada no momento preciso pelos governos dos países credores”.

Como prova assinalam que uma média de 14 bilhões de dólares anuais puderam ser reescalados desde 1983, por meio do Clube de Paris.

Sejam africanos, latino-americanos asiáticos ou da Europa Oriental, os países endividados que batem as portas do Clube de Paris são cada vez mais numerosos e o interesse é sempre o mesmo: reescalonamento do débito nas melhores condições possíveis.

As decisões do Clube são tomadas por consenso e implicam um “compromisso moral” por parte dos países credores a respeito dos devedores, o que acontece desde a primeira reunião, em 1956, consagrada a Argentina.